

# CORPO EM FLAMAS: SILÊNCIO, RUPTURA E VIOLÊNCIA DA PALAVRA EM *A VEGETARIANA* (채식주의자/*CHAESIK-JUIJA*) DE HAN KANG

## BODY IN FLAMES: SILENCE, RUPTURE AND VIOLENCE OF THE WORD IN *THE VEGETARIAN* (채식주의자/*CHAESIK-JUIJA*) BY HAN KANG

Rita Lenira de Freitas Bittencourt  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Melissa Rubio dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

*Resumo:* O presente artigo tem como objetivo explorar as relações entre corpo, silêncio, ruptura e violência da palavra no romance *A Vegetariana* (Chaesik-juija/ 채식주의자) (2007) da escritora sul-coreana Han Kang. A análise tem como ponto de partida a discussão da ruptura e da violência da palavra a partir de entrevistas da escritora Han Kang e da obra teórica de Jacques Derrida. Para a discussão do corpo feminino, serão utilizadas a teoria do gênero de Judith Butler e crítica à filosofia Neo-Confucionista na Coreia do Sul (de Sohee Kim).

*Palavras-chave:* Corpo; Gênero; Pós-Estruturalismo; Literatura coreana de autoria feminina; Han Kang.

*Abstract:* This article aims to explore the relationship between body, silence, rupture and violence of the word in the novel *The Vegetarian* (Chaesik-juija/ 채식주의자) (2007) by the South Korean writer Han Kang. The analysis has as starting point the discussion of the rupture and the violence of the word from interviews of the writer Han Kang and the theoretical work of Jacques Derrida. The discussion of the female body will be based on Judith Butler's theory of gender and on criticism of Sohee Kim's Neo-Confucian philosophy in South Korea.

*Key words:* Body; Gender; Post-Structuralism; Women korean literature; Han Kang.

### O romance *A Vegetariana* (*Chaesik-juija*), de Han Kang

*Each sentence in a language has beauty and baseness, purity and filth, truth and lies, and my novel explores that even more directly*

(HAN KANG, 2016).

Han Kang é uma escritora reconhecida no meio literário da Coreia do Sul por ter recebido, ao longo de sua carreira, diversos prêmios pelas suas

obras. Entretanto, o romance **A Vegetariana** (*Chaesik-juija*), de Han Kang, publicado em 2007, tornou-se mais conhecido entre o público coreano somente quando a versão para a língua inglesa, traduzida por Deborah Smith, recebeu o prêmio *Man Booker International Prize* em 2016. Apesar de um intervalo de nove anos entre a publicação de **A Vegetariana** (*Chaesik-juija*) em língua coreana e a sua tradução para a língua inglesa, o romance de Han Kang tornou-se o título mais vendido na Coreia no ano de 2016. Chang Iou-chung detalha, em artigo publicado na revista KOREA de abril de 2017, a repercussão comercial do romance de **A Vegetariana** (*Chaesik-juija*) na Coreia do Sul: “When first published, around 60.000 copies were sold. After the award for the English version, however, Korean readers snapped up around 300.000 Korean copies of the novel in just three days” (p. 33).

**A Vegetariana** (*Chaesik-juija*) narra a história de Kim Yeong-hye, uma mulher que rompe com a violência da linguagem manifestada através da violência da hierarquizada estrutura da sociedade sul-coreana ao se tornar uma vegetariana. Em entrevista à Krys Lee, para a revista *World Literature Today*, a escritora Han Kang declara que a busca da protagonista Yeong-hye em deixar sua materialidade humana e animal para se tornar um vegetal atua como: “[...] a pure being’ in order to vomit out ‘the violence of flesh/the human’ is constantly misunderstood as it progresses towards destruction” (KANG, 2016). Portanto, será esse corpo marcado pela violência, o corpo desejanste de autodestruição que será o foco a ser explorado neste artigo.

Sendo a questão da violência e a experiência do sofrimento os temas que permeiam as narrativas da Han Kang, cabe destacar a declaração da própria autora sobre sua criação literária. Em entrevista à revista *World Literature Today*, a escritora sul-coreana explica como a violência está relacionada ao ser humano e, em consequência disso, a necessária busca pelo confronto a esta prática:

*Han Kang:* Violence is part of being human, and how can I accept that I am one of those human beings? That kind of suffering always haunts me. Yes. I also think my preoccupation extends to the violence that prevails in daily life. Eating meat, cooking meat, all these daily activities embody a violence that has been normalized.

[...] True, true. However, although humans have embodied this violence, as they view this around and in themselves, they also have a natural instinct to confront or move in a different direction.

*Krys Lee:* A well-known critic, and your fan, once said that one has to prepare oneself and be in a different mind-set before reading your work. How do you interpret this?

*Han Kang*: I believe it's because my novels directly explore human suffering. Instead of shying away, I try to delve deeper. That's my tendency, as I'm always trying to discover the truth behind a person. So when I wrote about the Gwangju massacre, a tragedy with so much suffering, I think he meant that such material in my hands meant that the readers would have to prepare themselves to experience –feel – this suffering.

## Sobre a escritora Han Kang

Nascida em 1970, na cidade de Gwanju, na Coreia do Sul, a escritora Han Kang mudou-se com sua família para Seul aos dez anos de idade. Estudou Literatura Coreana na Yonsei University, uma das mais prestigiadas universidades da Coreia do Sul, e teve a sua estreia como poeta em 1993, ao publicar cinco poemas, destacando-se o poema “Winter in Seoul”, na edição de inverno da revista *Munhak-gwa-sahoe (Literature and Society)*. Em 1994, Han Kang recebeu o seu primeiro prêmio literário com o conto “Red Anchor” e também participou do *International Writing Program at University of Iowa* com o apoio do *Arts Council Korea*, em 1998. Entre as suas obras publicadas, consta uma diversidade de gêneros literários, tais como romance, contos, poema e prosa<sup>1</sup>.

Sem dúvidas, Han Kang tem sido uma das mais importantes escritoras coreanas da sua geração. Em sua biografia, estão registrados importantes prêmios literários da Coreia do Sul: 25<sup>th</sup> Korean Novel Award, pela novela **Baby Buddha**, em 1999; *The Yi Sang Literary Prize*, pela novela **A Mancha Mongólica**, em 2005; *Dongri Literary Award*, pelo romance **Breath Fighting**, em 2010, e *Manhae Literary Award*, pelo romance **Human Acts**, em 2014. Han Kang recebeu o título *Today's Young Artist Award* do Ministério da Cultura da Coreia do Sul, em 2000, e também foi a primeira escritora da Coreia do Sul a ganhar o prêmio *Man Booker International Prize (2016)*<sup>2</sup>. Após essa premiação, a escritora tornou-se reconhecida mundialmente, o que fez com que sua obra **A Vegetariana (Chaesik-juija)** tenha sido objeto de

---

<sup>1</sup> Romances: **The Black Deer** (검은 사슴) (1998), **Your Cold Hand** (그대의 차가운 손) (2002), **The Vegetarian** (채식주의자) (2007), **Breath Fighting** (바람이 분다, 가라) (2010), **Greek Lessons** (희랍어 시간) (2011), **Human Acts** (소년이 온다) (2014); Coletânea de contos: **Yeosu** (여수의 사) (1995), **Fruits of My Woman** (내 여자의 열매창작과비평사) (2000), **Fire Salamander** (노랑무늬영원) (2012); Coletânea de poemas: **I put the evening in the drawer** (서랍에 저녁을 넣어 두었다) (2013); Prosa: **Silence of Their Portraits** (사랑과, 사랑을 둘러싼 것들) (2003), **Quiet Songs** (가만가만 부르는 노래) (2006).

<sup>2</sup> Versão do romance **A Vegetariana (Chaesik-juija)** para a língua inglesa publicada em janeiro de 2015. KANG, Han. **The Vegetarian**. Tradução de Deborah Smith. London, Porto Belo Books, 2015.

tradução para diversas línguas<sup>3</sup> fato esse que tem protagonizado uma nova versão da globalização da literatura sul-coreana. Tal processo foi iniciado por escritoras coreanas no final da década de 1990, tal como Kyung-sook Shin, escritora da mesma geração de Han Kang, e pelas precursoras Park Wan Seo e Oh Jung-hee, autoras traduzidas principalmente para a língua inglesa.

### O romance *A Vegetariana* (*Chaesik-juija*), a narrativa das palavras-flamas

*Ninguém pode me ajudar. Ninguém pode me salvar. Ninguém pode me fazer respirar* (KANG, 2013, p. 55).

A obra **A Vegetariana** (*Chaesik-juija*), um romance curioso, composto por três novelas, demandou um processo de criação de longos anos para Han Kang. A primeira dessas três novelas, a ser escrita e publicada de modo independente, foi “A Mancha Mongólica” (2005). Esta obra foi aclamada pela crítica e recebeu o mais prestigiado prêmio da Coreia do Sul: *The Yi Sang Literary Prize*, em 2005. Posteriormente, Han deu continuidade ao seu projeto de escrita e compilou as novelas “A Vegetariana”, “A Mancha Mongólica” e “Árvores-flamas” e as transformou em capítulos de um volume único, intitulado-o **A Vegetariana** (*Chaesik-juija*), obra publicada em 2007.

A respeito da composição do romance **A Vegetariana** (*Chaesik-juija*), é importante observar como se constrói a narrativa, fragmentada em três capítulos. Esses são conduzidos por três vozes distintas de narradores, que exploram diferentes pontos de vista sobre a história da personagem principal, Yeong-hye. No capítulo “A Vegetariana”, estão presentes o primeiro narrador – Jeong, marido de Yeong-hye – e a voz/ruptura, os monólogos da protagonista Yeong-hye. Já em “A Mancha Mongólica”, há um narrador externo, em terceira pessoa, que apresenta o primeiro narrador como o cunhado se relaciona com Yeong-hye através da criação de obras de vídeo-arte. E, no capítulo “Árvores-flamas”, há um narrador externo em terceira pessoa que apresenta o relacionamento entre as irmãs Kim In-hye e

---

<sup>3</sup> Em um levantamento realizado no início do ano de 2017, o romance **A Vegetariana** (*Chaesik-juija*) de Han Kang conta com tradução para 15 idiomas, sendo elas: japonês (菜食主義者, 2011), vietnamita (*Người Ăn Chay*, 2011), espanhol (*La vegetariana*, 2012), português (Brasil, *A Vegetariana*, 2013), polonês (*Wegetarianka*, 2014), inglês (Inglaterra-*The Vegetarian*, 2015), francês (*La végétarienne*, 2015), alemão (*Die Vegetarierin*, 2015), holandês (*De vegetariër*, 2015), chinês (素食者, 2016), italiano (*La vegetariana*, 2016), português (Portugal - *A Vegetariana*, 2016), turco (*Vejetaryen*, 2016), romeno (*Vegetariana*, 2016) e húngaro (*Növényevő*, 2017).

Kim Yeong-hye. A obra situa-se entre o tempo passado e o tempo presente, trazendo um enredo construído por diferentes pontos de vista, sujeitos e posições em relação à protagonista Kim Yeong-hye ao acompanharem seu processo de transformação.

A matéria narrada em todos os três capítulos é a história de uma jovem mulher coreana chamada Yeong-hye. Silenciosa, filha e esposa, ela decide parar de comer carne e, por fim, recusa-se a ingerir qualquer alimento. A narrativa, composta por diferentes vozes, exhibe a violência do silenciamento ao qual a personagem protagonista está submetida. Apesar de promover ações desestabilizadoras, ela não é, em momento algum, a voz onisciente que narra o processo de transformação de sua própria corporeidade, tampouco a da ruptura com a ordem da sociedade hierarquizada em que vive. Pelo contrário, resta apenas a Yeong-hye uma ruptura realizada através de seus monólogos, que estão no primeiro capítulo, intitulado “A Vegetariana”. Logo, esses monólogos atuam como exercícios de voz/ruptura da cadeia de violência, tanto no sentido estrito, do verbal na linguagem, quanto no sentido amplo que se percebe, via linguagem, nas práticas da cultura coreana.

A respeito do vegetarianismo praticado pela personagem Yeong-hye, pergunta-se: qual seria o motivo que a levou tomar tal decisão? No tecido do romance, a hipótese é de que tudo se inicia com um pesadelo que ela teve, em uma madrugada de inverno congelante. Após ter sido acordada pelo impacto das imagens desse pesadelo, Yeong-hye dirige-se até a cozinha e fica em frente à geladeira olhando absorta para os fragmentos de cadáveres animais em sua geladeira. Ela, ainda a escutar a voz do pesadelo em sua mente, decide jogar fora todos os tipos de carnes, peixes e derivados, mesmo diante da contestação de seu marido. Porém, a voz que ela ouvira no pesadelo começa a acompanhá-la em uma constante repetição e perseguição. Para escapar dessa armadilha, Yeong-hye decide tornar-se vegetariana e, com isso, o pesadelo atinge todos ao seu redor.

Ao assumir-se como vegetariana, ela se opõe ao sistema cultural estruturado e hierarquizado da Coreia do Sul, desencadeando uma série de eventos que se configuram em tentativas de barrar a ação de ruptura de Yeong-hye, para que assim seja imposta a lei da família ou a lei patriarcal, sob o argumento de “tentar salvá-la”<sup>4</sup>. Deve ser ressaltado que o vegetarianismo, no romance de Han Kang, configura-se como uma prática de subversão às leis da família e da sociedade sul-coreanas, as quais ainda carregam as

---

<sup>4</sup> Algumas expressões ditas na família, por alguns de seus integrantes ao longo do romance, são exemplos de que ali, nesse meio, está presente um tipo de pensamento que, em nome do bem, aponta limites e perigos: “– Olhe para você agora! Se você não comer carne, o mundo inteiro vai te devorar” (KANG, 2013, p. 54).

marcas da filosofia Neo-Confucionista, criada na Dinastia Jeoson/Choson (1392-1910). Por essa releitura, com relação às mulheres, a influência do Confucionismo, na cultura coreana, vai ter um impacto marcadamente negativo. Sohee Kim, no artigo **Confucianism and Women in the Choson Dynasty** (2008), detalha a relação entre os gêneros masculino e feminino sob essa orientação:

One autocratic form of Confucianism in Korea was its extremely negative impact on the status of Korean women. It imposed upon Choson women rigorous standards of feminine modesty and chastity. The Confucian political culture emphasized the importance of family life for personal cultivation and strengthened the Korean family system with several cultural imperatives such as ancestor worship, filial piety, and a patriarchal family structure. Since these social and cultural ideas legitimized men as authorities and privileged them as the sole bearers of the family names, more attention and priority were given to men of the family line while women's importance was reduced. Women's functional role in the family to produce a male heir became very significant, and the cultural preference for a boy later resulted in such sexist practices such as infanticide and concubinage (KIM, 2008, p. 1-2).

Logo, ao tomar uma atitude contra os valores de sua família, a protagonista Yeong-hye faz com que sejam expostas as chagas de um corpo e de uma mente que tem sido violentada, ora sendo alvo de palavras abusivas, ora por violência física, tanto pela família e pelo cônjuge quanto pela sociedade patriarcalista sul-coreana, onde ela está situada. Para romper com o ciclo da violência, Yeong-hye inicia um processo de transformação em seu próprio corpo. Primeiramente, tem-se a mudança de dieta alimentar para o vegetarianismo que, depois, altera para um quadro clínico de anorexia e também de esquizofrenia.

Pode-se perguntar: seria simplesmente a negação da ingestão de carnes o motivo para assumir o vegetarianismo? A resposta a essa questão, seguindo-se a narrativa, seria que não. Yeong-hye começa uma busca pela transformação de seu corpo orgânico – humano/animal em direção à construção de um corpo orgânico vegetal, o que pode ser visto mais claramente no último capítulo intitulado “Árvores-flamas”. Ou seja, para transformar o seu corpo humano, ela deve incendiá-lo, colocá-lo em processo de combustão... Portanto, o meio pelo qual Yeong-hye transforma seu corpo é a anorexia, através da recusa de todo e qualquer alimento. Dessa forma, a protagonista acelera o processo de desgaste e de degradação, num ato de incinerar o seu próprio corpo. Uma vez que Yeong-hye deseja a destruição de sua materialidade orgânica e animal, ela rompe com as marcas da cultura impressas no seu corpo para, dessa forma, tornar-se livre da violência da

palavra, evocando outro corpo que não seja afetado pelos signos da cultura formadora de sua família opressora.

Logo no início do capítulo “A Vegetariana”, Jeong, o marido de Yeong-hye e narrador, explicita: “Nunca achei nada especial na minha esposa até que se tornasse uma vegetariana” (KANG, 2013, p. 13). A descrição de Yeong-hye construída pelo marido apresenta uma mulher sem atrativos e encantamentos, porém passiva e condescendente a tudo:

Acabei me casando, talvez pelo fato dela não ter nenhum defeito em especial, assim como não possuir qualquer charme em especial. Era-me confortável o seu temperamento sem arestas, sem originalidade ou espiritualidade, sem qualquer traço de sofisticação [...] (KANG, 2013, p. 13).

Porém, ao se deparar com uma atitude que a sua esposa Yeong-hye até então nunca tivera, a de ruptura com a circularidade dos patriarcais costumes da família, Jeong decide por dela distanciar-se por completo, mostrando ser incapaz de compreender a situação. Ou seja, naquela madrugada em que Yeong-hye teve o primeiro pesadelo, Jeong, inicialmente, fica assustado; após, fica irritado com a atitude da esposa diante da geladeira aberta e, dirigindo-se a ela, questiona-a sobre o que estava fazendo em plena madrugada, ao que Yeong-hye responde em voz bem definida: “... Tive um sonho” (KANG, 2013, p. 17). Porém, o marido a ignora – como sempre o fizera. Através do olhar de Jeong, sabemos que, para ele, Yeong-hye apenas “Enlouqueceu. Pirou completamente” (KANG, 2013, p. 19).

No capítulo “A Vegetariana”, destaca-se a pertinente quebra do fluxo da fala e da linearidade da narrativa tecida através dos fragmentos narrativos de Yeong-hye, ou dos seus monólogos de voz/ruptura. Esses fragmentos narrativos são uma espécie de falas em silêncio, pois Yeong-hye não os verbaliza em momento algum, por meio de diálogos com o seu marido, irmã ou com qualquer outro personagem, o que, indiscutivelmente, se mostra como um ponto importante da obra. A personagem não pode falar diretamente ao mundo, mas encontra, na narração-monólogo, o meio de expor as causas de sua transformação. Nessa tessitura de fragmentos, ou monólogos, Yeong-hye subverte o poder da voz do narrador principal e narra os pesadelos e as imagens que constantemente se repetem e a perseguem, bem como as lembranças tristes da sua infância, marcada pela violência paterna<sup>5</sup>. É por meio desses fragmentos-monólogos que Yeong-hye procura

---

<sup>5</sup>No capítulo “Árvores-flamas”, a irmã mais velha, Kim In-hye, relembra a infância dela de sua irmã mais nova Yeong-hye: “As surras do papai eram dirigidas somente à irmã. O irmãozinho também apanhava, mas também saía batendo nas crianças do bairro no mesmo tanto e por isso

a compreensão de seu interlocutor: ora dirigindo o discurso para o seu marido, ora para um interlocutor não identificado. Ao longo do capítulo “A Vegetariana”, há, no total, sete fragmentos que se apresentam intercalados na narrativa tecida pelo narrador Jeong, o marido. A seguir, apresentamos o fragmento número 1, no qual Yeong-hye narra o pesadelo que ela teve, tentando relembrar as imagens do sonho daquela noite:

Era um bosque escuro. Não havia ninguém. Eu havia me ferido no rosto e nos braços tentando abrir caminho por entre as árvores de folhagens pontiagudas. Com certeza eu estava junto com outros, mas acho que me perdi sozinha. Estava com medo. Com frio. Atravessei um pequeno vale de riacho congelado e encontrei uma construção clara que parecia um galpão. Quando afastei os trapos que cobriam a entrada e adentrei, pude ver: pedaços de carne vermelha, centenas deles, pendurados na ponta de longos paus. De alguns deles ainda pingava sangue vermelho. Fui avançando, afastando as carnes sem fim, sem conseguir chegar à saída do outro lado. A roupa branca ficou toda molhada de sangue. Não sei como consegui escapar de lá. Atravessei de volta o vale e corri sem parar. De repente, o bosque ficou claro e as árvores de primavera encheram-no de verde. Havia crianças por todos os lados e cheiro de coisas gostosas. Eram muitas famílias em piquenique. A cena era indescritivelmente esplêndida. Ouvia-se a água corrente do riacho, pessoas sentadas nas margens, gente comendo guimbap<sup>6</sup>, churrasco sendo assado num canto, som de gente cantando e risos de alegria. Mas eu tinha medo. A roupa ainda estava manchada de sangue. Aproveitei que ninguém ainda me vira e me escondi atrás de uma árvore. Tinha sangue nas minhas mãos. Tinha sangue na minha boca. Eu comera um naco de carne que estava caído no galpão. Esfreguei a carne fresca gotejante na minha gengiva e no céu da boca tingindo-os de sangue vermelho. Dos meus olhos refletidos na poça de sangue daquele galpão faiscavam luzes. Não poderia mais ser vívida. A sensação da carne fresca sendo mastigada por meus dentes. Meu rosto, meu olhar. Parecia vê-lo pela primeira vez, mas era com certeza o meu rosto. Não, pelo contrário, parecia tê-lo visto inúmeras vezes, mas não era o meu rosto. Não sei explicar. Aquela sensação familiar, mas estranha... tão vívida e tão estranha, assombrosamente estranha (KANG, 2013, p. 20-21).

Em um relato como esse, Yeong-hye procura o apoio de um interlocutor que talvez compreenda seus sofrimentos, muitos deles originados de traumas em sua infância. Logo, entrevistam-se questões: como escapar do pesadelo da

---

devia sofrer menos. E ela era a filha mais velha que preparava a sopa cura-ressaca para o papai no lugar da mãe sempre cansada, de modo que ele era cuidadoso com ela, de um jeito ou de outro. A Yeong-hye que era dócil mas incontente, e por isso não conseguia se curvar aos caprichos do pai, nunca mostrara qualquer resistência e devia ter simplesmente absorvido tudo aquilo até os ossos” (KANG, 2013, p. 154).

<sup>6</sup> 김밥(Kimbap/ Guimbap). Em uma tradução literal, arroz com alga. Este tradicional prato coreano é um enrolado de arroz em alga preta recheado com vegetais, omelete, carne bovina ou atum, temperados com óleo de gergelim e gergelim.

noite e da sua vida do real tão sofrida, na qual é constantemente silenciada e violentada? Ao relatar os seus pesadelos, os quais são repletos de imagens violentas e de vozes que a perseguem, a personagem tenta fazer com que eles desapareçam por completo. Além disso, apesar de realizar essas tentativas, seria possível o apagamento da violência patriarcal?

Colocam-se, portanto, as seguintes perguntas: como Yeong-hye poderia expressar seus sentimentos e pensamentos? Uma vez que a narrativa é o silenciamento da sua voz, teria ela encontrado, como único meio de expressão, o seu próprio corpo? Aparentemente, os elementos do texto e suas imagens de transformação, de transmutação de materialidade orgânica apontam nessa direção, pois a personagem nega a condição humana de seu corpo e procura uma nova organicidade, uma composição viva e não humana. Ela inaugura, assim, um processo de transformação, a de um corpo humano em um corpo vegetal (árvore).

Considerando a relação entre discurso e corpo, cabe ressaltar a discussão da teórica feminista Judith Butler na obra **Excitable speech: a politics of the performative**, que relaciona o discurso e o corpo como inseparáveis:

The notion that speech wounds appears to rely on this inseparable and incongruous relation between body and speech and its effects. If the speaker addresses his or her body to the one addressed, the it is the body of the speaker that comes into play: it is the body of the address as well (BUTLER, 1997, p. 12).

Se Yeong-hye não pode expressar seu discurso através da fala, ela encontra forma de expressão através de seu próprio corpo. Assim, ela transforma seu corpo orgânico humano em um corpo outro, um corpo de palavra-flama, em atitude de resposta às violências da palavra e da cultura, às quais sempre esteve subjugada.

Nos fragmentos a seguir, a protagonista detalha como se realiza a repetição dos pesadelos e as transformações em seu corpo. Uma sensação de estranhamento e de medo invadia-a e estendia-se às outras mulheres, sua mãe e irmã:

### **Fragmento número 3:**

*Voltei a sonhar.*

*Alguém matou uma pessoa, e outro alguém escondeu aquilo completamente, mas*

*no momento em que acordei, esqueci se fui eu quem matou, ou se eu é que fui morta; e se fui eu quem matou, quem morreu por minhas mãos; ou será que era você? Era alguém muito próximo a mim...[...].*

*Esta não foi a primeira. Tive esse sonho inúmeras vezes. Dentro do sonho, lembro-me do sonho anterior, como acontece quando a gente está embriagado e se lembra da embriaguez anterior. Alguém matou alguém, incontáveis vezes. Bruxuleante, inapreensível... mas a lembrança me vem numa sensação sólida de calafrios.*

*Você não deve entender. Sempre tive medo quando via alguém cortar alguma coisa sobre a tábua de cozinha. Ainda que fosse a minha irmã, que fosse minha mãe. Não sei explicar por quê. Somente que é uma sensação insuportável. Nesses momentos, costumava tratá-las ainda mais carinhosamente. Não quero dizer que foi a minha mãe ou a minha irmã a ser morta ou a matar no sonho da noite passada. Mas somente que sobrou aquela sensação gélida, suja, horripilante e cruel. De ter matado alguém com as próprias mãos, ou de ser assassinada por alguém. Uma sensação impossível de imaginar se não se passa por isso... resoluto, aniquiladora. Morna como o sangue ainda esfriando.*

*Por que será. Estranho tudo o que está ao meu redor. Pareço estar posta no lado avesso de alguma coisa. Pareço estar presa atrás de uma porta sem maçaneta. Não, talvez será que somente agora me dei conta de que estive aqui desde o início? Está escuro. Tudo está esmagado num breu (KANG, 2013, p. 34-35).*

Em seguida, no fragmento 5, os mesmos motivos que a perseguem em pesadelo, como animais, facas e outras ferramentas pontiagudas, somados às imagens de escuridão, sangue e morte, passam a compor uma condição entre o sono e a vigília, que dura pouco e alterna-se, provocando confusão:

### **Fragmento número 5:**

*– Agora não consigo dormir mais do que cinco minutos. Assim que a consciência me deixa, ainda que sorratamente, já estou no sonho. Não, nem se pode dizer que se trata de um sonho. São cenas curtas que me assaltam intermitentemente. O brilho sebo dos olhos de um animal, um vulto de sangue, um crânio todo revirado, e novamente os olhos de um animal feroz. Olhos que parecem ter subido de dentro da minha barriga. Quando acordo trêmula, certifico-me das minhas mãos. Para ver se as unhas ainda estão sedosas, se os meus dentes ainda estão doces.*

*[...] Por que será que eu estou secando deste jeito? Por que estou ficando tão afiada? Para perfurar o quê? (KANG, 2013, p. 41).*

Perturbada, Yeong-hye passa a vasculhar sinais de alarme em seu corpo e atribui seu mal-estar à ingestão de carne, criando uma curiosa relação com a comida que, supostamente, conservaria a vida dos animais em seu estômago. O fragmento 7 expõe esta conclusão:

## **Fragmento número 7:**

*[...] Está tudo bem com o pulso. Não sinto nada. O que dói é o peito. Alguma coisa está parada na entrada do estômago. Não sei o que é. Está sempre parada ali. Sinto uma bolota mesmo quando estou sem o sutiã. Tento expirar o mais lentamente possível, mas a dor no peito não alivia.*

*Isso está incrustado ali, onde gritos e prantos se compactaram em camadas. É por causa da carne. Comi carne demais. Todas aquelas vidas estão paradas ali. É isso. O sangue e a carne foram digeridos e espalhados para todos os cantos do corpo, os resíduos foram excretados, mas as vidas ficaram tenazmente na entrada do estômago.*

*Uma vez, uma única vez, queria dar um grito forte. Queria sair correndo em direção ao escuro. Será que dessa maneira esta bolota será expelida para fora do corpo? Será isso possível? (KANG, 2013, p. 54).*

No fragmento número 6, Yeong-hye conta uma história de sua infância, marcada por extrema violência contra um cachorro da família que a mordera. Segundo a tradição popular sul-coreana, ao ingerir a carne de um cachorro agressor, é possível curar o ferimento causado pelo animal. Esse episódio é lembrado pela personagem após a discussão com os pais dela, por a terem forçado a comer carne em um almoço em família. Yeong-hye nega-se a comer carne, e, então, seu pai faz com que ela coma à força. Segundos depois, ela corta o pulso em uma tentativa de suicídio. Ao cortar a sua própria carne, ela pôde retornar ao tempo de infância e lembrar o corte que o cachorro fizera em sua perna. As experiências de violência do passado retornam na mutilação de seu corpo, no presente:

## **Fragmento número 6:**

*... O cachorro que arrancara um pedaço da minha perna está sendo amarrado na moto do meu pai. Queimaram a pele do seu rabo e grudaram na minha ferida, na batata da perna, e depois passaram várias voltas de gaze. Eu, com nove anos de idade, estava de pé do lado de fora do portão. Era um dia de verão, úmido e quente. O suor escorre copiosamente, mesmo quando se está parada. O cachorro também estava com a língua vermelha pendendo até o queixo, com a respiração ofegante. Era um cachorro branco e bonito, maior que eu. Até arrancar um pedaço da perna da filha do dono, a vila inteira dizia que era um cachorro muito esperto.*

*Meu pai pendurou o cachorro na árvore, e, enquanto queimava o seu rabo, disse que não iria mais bater nele. Ouvira dizer, não sei onde, que a carne fica mais macia quando o cachorro morre correndo. Deu-se a partida na moto, e o papai começou a correr. O cachorro correu junto. Deu duas, três voltas na vila*

*percorrendo o mesmo caminho. Estou de pé no portão de casa sem me mover um tico, vendo o cachorro branco que vai ficando cansado e ofegante, revirando o branco dos olhos. Toda vez que os seus olhos faiscantes se encontram com os meus, esbugalho ainda mais os olhos.*

*Cachorro maldito. Ousa me morder?*

*Depois da quinta volta, o cachorro está espumando na boca. Corre sangue do pescoço amarrado pela corda. Ganindo de dor, o cachorro corre arrastado. Sexta volta. O cachorro vomita um sangue vermelho-escuro pela boca. O sangue corre do pescoço, e também da boca. Parada em pé, dura e reta, fico a observar o sangue misturado à espuma, e os dois olhos faiscantes. Quando esperava o bicho aparecer pela sétima vez, vejo meu pai trazendo o animal todo mole na garupa da moto. Fico olhando as quatro pernas que balançam, as pálpebras abertas e os olhos injetados de sangue.*

*Naquela noite acontece uma festa em casa. Reuniram-se todos os homens conhecidos da feira. Coloquei uma colherada na boca pois disseram que eu tinha de comer a carne de cachorro para sanar a ferida de sua mordida. Não, na verdade, misturei o arroz na sopa de cachorro e comi a tigela inteira. O cheiro enjoativo da carne de cachorro espetava o meu nariz, apesar do aroma de gergelim selvagem. Lembro-me dos olhos que bruxuleavam por cima da sopa, aquelas pupilas que me encaravam enquanto corria vomitando sangue misturado à espuma. Não senti nada. De verdade não senti nada (KANG, 2013, p. 47-48).*

É possível ler e ver, através dos fragmentos-monólogos da protagonista Yeong-hye, o que está além de seu silêncio: ela desenvolve uma tristeza profunda por viver em uma família opressora, pela violência que sofrera de seu pai na infância e, por fim, assimila o silenciamento e a indiferença de uma sociedade tradicional. É assim que sonhos vão se repetindo, sonhos dentro de sonhos, tristes lembranças, medo constante, sofrimento na infância. Yeong-hye experencia o limite. Até quando ela pode suportar?

O processo de transformação da corporeidade de Yeong-hye intensifica-se no último capítulo, intitulado “Árvores-flamas”. A protagonista está internada em um hospital psiquiátrico, tendo sido abandonada pela família e pelo marido, que dela se divorciara. A única pessoa com quem tem contato é sua irmã mais velha, Kim In-hye, pois é dela que recebe cuidados. Diagnosticada no mais avançado estágio de anorexia e de esquizofrenia catatônica, a protagonista inicia a sua passagem de corpo humano a matéria vegetal. Ela acredita que o seu corpo irá se transformar em uma árvore:

Mana. Agora não precisa mais trazer essas coisas.

E sorriu:

Eu não preciso mais comer.

Mas o que é que você está dizendo?

[...] ... Mana, você sabia?

Perguntou Yeong-hye, em vez de responder.

... O quê?

É que eu não sabia. Pensava apenas que as árvores ficavam em pé, retinhas, e só isso... Só agora é que pude ver. Na verdade, estavam todas se apoiando na terra com os dois braços. Veja, veja aquilo, não é incrível?

Levantou-se bruscamente e apontou para a janela.

Todas, todas elas estão plantando bananeira (KANG, 2013, p. 144-145).

O quadro avançado de anorexia de Yeong-hye faz com que seu corpo comece a ter alterações no funcionamento dos órgãos; para ela, no entanto, esse enfraquecimento físico é o que ela mais deseja, pois assim poderá apagar a organicidade animal de seu corpo, como pode ser exemplificado no excerto a seguir:

Ele disse que eu, que as minhas entranhas já regrediram, né?

[...] Mana, eu já não sou um animal – disse, olhando ao redor no quarto em que não havia ninguém mais, como se contasse um grave segredo:

Não preciso mais comer comida ou coisas do gênero. Eu posso viver. Basta ter sol.

O que você está dizendo? Está pensando mesmo que virou uma árvore? Como é que uma planta fala? Como é que uma planta pensa?

Yeong-hye fez brilhar os olhos. Um sorriso indecifrável iluminou claramente o seu rosto:

Você está certa, mana... Logo, logo, tudo vai desaparecer, a fala, os pensamentos. Já, já.

Soltou uma risada, e respirou ofegante:

Vai ser já, já mesmo. Espere só um pouquinho, mana (KANG, 2013, p. 150).

A protagonista sabe que o processo que ela experencia é irreversível. Não será possível salvá-la do ato de destruição do corpo orgânico e simbólico animal, que parece ser a única solução para a personagem. As últimas palavras ditas por Yeong-hye, no último fragmento-monólogo, expressam a urgência em transformar seu corpo: “Ninguém pode me ajudar. Ninguém pode me salvar. Ninguém pode me fazer respirar” (KANG, 2013, p. 55).

## O corpo em flamas

Uma vez que o corpo é um dos elementos norteadores da narrativa de **A Vegetariana** (*Chaesik-juija*), torna-se fulcral o mapeamento e o estudo da construção e da desconstrução do corpo de Kim Yeong-hye. Sendo assim, é preciso propor a seguinte questão: como é o corpo narrado no romance? E para respondê-la, é inevitável refletir acerca do corpo narrativo-verbal, narrativo-imagético do romance, bem como a respeito do corpo narrativo-cultural da personagem.

Trata-se de um corpo que ultrapassa as barreiras do que se entende como um “corpo”, moldado pela cultura tradicional patriarcal, ou seja, trata-se de um corpo que se expande, vai além e busca uma nova prática e outro agir, que não realiza violência e que se nega a aceitar as leis que lhe são impostas. Porém, para construir tal corpo novo, seria necessário deixar de se ter a condição de corpo humano e, gradativamente, autodestruir-se, para que, assim, deixe de existir em sua materialidade animal humana.

Para refletir acerca da ruptura protagonizada pela personagem, cabe traçar um diálogo com a teoria desconstrucionista do filósofo franco-argelino Jacques Derrida e indagar em outra direção: qual é – ou quais seriam – o(s) tipo(s) de ruptura(s) que Yeong-hye promove na narrativa? E, a partir dessa pergunta, ler mais uma vez a narrativa.

Ao se tornar uma vegetariana, Yeong-hye questiona a estrutura da sociedade coreana, fundada pela filosofia Neo-Confucionista, a qual impõe relações de hierarquias entre as diferentes gerações, entre diferentes gêneros, como também entre classes sociais. No romance, o ato de se tornar vegetariana instiga a repulsa daqueles que estão em um nível superior a Yeong-hye na hierarquia, visto que ela desestabiliza e questiona tanto a ordem como a organização estrutural daquele microcosmo, ou seja, a sociedade coreana representada pela organização familiar. Sua atitude é a de quem não suporta mais a violência imposta a ela. Logo, o movimento a ser executado é o de ruptura.

Com base nisso, destacam-se os binarismos levados ao limite, tais como hierarquia-ascendência, cultura-natureza, masculino-feminino e mente-corpo, elementos esses que se constituem, para Derrida (2004; 2009), como elementos fundadores/basilares da tradição ocidental. No entanto, considerando-se a obra literária em estudo, **A Vegetariana** (*Chaesik-juija*), e o fato de que é uma narrativa construída no âmbito cultural sul-coreano contemporâneo, ousou dizer que as reflexões do autor referido devem ser consideradas também para se ler a tradição do pensamento oriental da

Coreia do Sul. Portanto, o romance de Han Kang pode, sim, propor uma nova visão do humano se o lermos do ponto de vista pós-estruturalista. Yeong-hye protagoniza a ruptura das barreiras da hierarquia social coreana, a ruptura da oposição entre masculino-feminino e também dos limites entre mente-corpo:

Silenciosamente, inspira o ar para dentro do pulmão. Lança um olhar enraivecido para as árvores que se incendiam na beira da estrada, para as chamas verdes que se levantam como inúmeros animais e balançam. Seu olhar é escuro e tenaz como se esperasse pela resposta, não, como se protestasse contra algo (KANG, 2013, p. 177).

A narrativa, assim, aponta para o desejo de construção de uma nova corporeidade, um corpo simbólico formado em uma nova cadeia de significação. Seria isto possível? Yeong-hye precisa estar além da materialidade humana e da violência da cultura, seu corpo precisa ser incendiado, assim como as árvores-flamas que ela tanto observa. Não por acaso, a tradução publicada em português da obra mostra, na capa, a indecisão de sua matéria: denomina-a de *romance-novelas*.

Nem só um romance, nem três novelas. O sinal de hífen, ligando as duas palavras, marca uma barreira e uma passagem, um intervalo e um caminho entre ocidente e oriente, entre a letra e o corpo. A armação triangular de Han Kang em **A Vegetariana** (*Chaesik-juija*) permite às leitoras e aos leitores experimentarem esse lugar.

## Referências

BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.

CHANG, Iou-chung. Exploring beauty and violence: literary star Han Kang meditates on the complex nature of humanity. **Korea**. v. 13, n. 3, p. 32- 34, abr. 2017.

CHOW, Rey. In the name of Comparative Literature. In: BERHEIMER, Charles. (Org.). **Comparative literature in an age of multiculturalism**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995. p. 107- 116.  
DERRIDA, Jacques. **Margens da filosofia**. Trad. Joaquim Torres Costa. Campinas: Papyrus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Gramatologia**. Trad. Mirian Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. **A escritura e a diferença**. Trad. Maria Beatriz M. N. da Silva et ali. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FULTON, Bruce. The Munhak tonge phenomenon: the publication of literary fiction in South Korea today. **The journal of global initiatives: voices in Korean identity on global context**. Kennesaw: Kennesaw State University. v. 5. n. 2, p. 129-137, 2010.

KANG, Han. 채식주의자 (*Chaesik-juija*). Paju: Changbi Publishers, 2007.

\_\_\_\_\_. **A Vegetariana**. Tradução de Yun Jung Im. São Paulo: Devir Livraria, 2013.

\_\_\_\_\_. **The Vegetarian**. Tradução de Deborah Smith. London: Porto Belo Books, 2016.

\_\_\_\_\_. **My Literary Form(s)**. English Pen, 2014. Disponível em: <<https://www.englishpen.org/pen-atlas/my-literary-forms/>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

KANG, Ji-hee. Language gives me a certain pain. Interview with the writer Han Kang. **Koreana**. v. 29, n. 4, p. 40-43, 2015.

KIM, Taeyon. Neo-Confucian body echniques: women's bodies in Korea's consumer society. **Body & Society**, v. 9, n. 2, p. 97-113, jun. 2003.

KIM, Sohee. Confucianism and women in the Choson Dynasty. **Otherwise**. Online Journal of Philosophy, p. 1-9, 2008. Disponível em: <[http://otherwise.philosophystudentassociation.com/wp-content/uploads/2015/07/Kim\\_Sohee.pdf](http://otherwise.philosophystudentassociation.com/wp-content/uploads/2015/07/Kim_Sohee.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2017.

KIM, Yeung-Hee. Traditions in modern Korean women's fiction writing. **Questioning minds: short stories by modern Korean women writers**. Honolulu: University of Hawaii Press, 2010.

KOH, Helen. Discussing the development of the female writer in Korea. **Korean literature in translation**. 2010. Disponível em: <<http://www.ktlit.com/women-and-korean-literature-short-article-by-helen-koh/>>. Acesso em: 2 dez. 2015.

KOREAN LITERATURE TRANSLATION INSTITUTE. Disponível em: <<http://klti.or.kr/main.do/>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

KOREAN LITERATURE TRANSLATION INSTITUTE. **Biografia de Han Kang**. Disponível em: <<http://library.klti.or.kr/node/402/>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

LIST BOOKS OF KOREA WEBSITE. Disponível em: <<http://www.list.or.kr/%EC%9E%91%EA%B0%80/han-kang/>>. Acesso em: 12 jan. 2015.

LIT LOVERS WEBSITE. **Biografia de Han Kang**. 2016. Disponível em: <<http://www.litlovers.com/reading-guides/13-fiction/10511-vegetarian-kang?start=1/>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

LITERARY HUB. **Entrevista com Han Kang**. 2016. Disponível em: <<http://lithub.com/han-kang-on-violence-beauty-and-the-impossibility-of-innocence/>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

WRITER HAN KANG WEBSITE. **Byography**. Disponível em: <<http://writerhankang.com/eng/biography/>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

Rita Lenira de Freitas Bittencourt <[ritalenira@gmail.com](mailto:ritalenira@gmail.com)>

Melissa Rubio dos Santos <[melrubio@gmail.com](mailto:melrubio@gmail.com)>

Recebido: 19/05/2017

Aceito: 25/07/2017